

**Entrevista com  
Isadora Lins França**

**Interview with  
Isadora Lins França**

**Jainara Gomes de Oliveira**

Doutoranda em Antropologia Social - PPGAS/UFSC  
gomes.jainara@gmail.com

**Milton Ribeiro da Silva Filho**

Doutorando em Sociologia e Antropologia - PPGSA/UFGA  
millor\_ufpa@hotmail.com

**Tarsila Chiara Albino da Silva Santana**

Mestranda em Antropologia Social - PPGAS/UFRN  
tarsila.chiara@gmail.com

## Apresentação

Entrevista<sup>1</sup> realizada no Hall do Hotel União, no dia 28 de outubro de 2015, durante o 39º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, na cidade de Caxambu, Minas Gerais. A antropóloga Isadora Lins França possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (2003), mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2006), doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2010) e pós-doutorado vinculado ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp (2014). Atualmente é professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Entre outras publicações, é autora do livro *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo* (Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012).

**Equatorial:** Como você começou a trabalhar com questões relacionadas a sexualidade?

**Isadora Lins França:** Eu fiz a graduação em História na USP. Essa escolha tem a ver com a minha trajetória pessoal e familiar. Eu sempre estudei em escola pública, primeiro em escolas do governo do estado em Osasco-SP, onde nasci. Como eu, também havia outros colegas da escola para os quais os pais não podiam pagar uma escola particular, que a gente sabia que proporcionaria melhores chances. Ao final do ensino fundamental, a possibilidade que a gente via de manejar esse contexto social e familiar era pedir que os nossos pais pudessem pagar três meses de cursinho para que a gente pudesse ter acesso à escola técnica, que eram aquelas escolas a partir das quais você já poderia sair com uma profissão e que também tinham uma fama de dar um ensino melhor. Então um pouco nessa expectativa, eu consegui entrar numas das escolas mais bem cotadas naquela época que se chamava Escola Técnica Federal, hoje é o ITFSP. Eu entrei para fazer Edificações. Naquela época tinha já um constrangimento em relação a gênero, a sexualidade. Eu vivi em uma família com valores tradicionais em relação a gênero e sexualidade. Naquela época, a escola abria 800 vagas e a escolha dos cursos técnicos era realizada por ordem de classificação no Vestibulinho, dentro dessas 800 vagas. Eu estava lá pelo número 570. Quando fui fazer a matrícula, as vagas iam sendo preenchidas por ordem de classificação e tinha um constrangimento dos meus pais de falar assim: “olha, a gente só vai deixar você fazer essa escola se você pegar a vaga de processamento de dados ou edificações porque as outras vagas são para homem”. Era mecânica, eletrotécnica, eletrônica,

telecomunicações. Eram curso “para homens”, então eu não poderia, mas eu queria muito estudar numa escola melhor e não via muito mais o que podia fazer naquele momento a não ser torcer para dar certo. Felizmente, consegui entrar no curso de edificações, que tinha uma porcentagem grande de meninas. O problema é que eu consegui entrar porque era muito boa em humanas. Com as exatas, que tinham muito mais presença no currículo, eu era um desastre. Por isso reprovei o primeiro ano do ensino médio e fui uma aluna bem mais ou menos, mas também tive acesso à biblioteca da escola que era muitíssimo melhor do que as das minhas escolas anteriores. Além de ter aproveitado muito a biblioteca, tive uma experiência interessante nessa escola porque precisava sair de Osasco, onde eu morava, e passar por São Paulo todos os dias para estudar, o que implicava pegar metrô e trem e às vezes permitia uns passeios pelo centro da cidade. Meus amigos moravam em Guarulhos, na Vila Mariana, tinha amigos no Jardim Brasil, em todas as regiões da cidade, porque era uma escola disputada. Isso no mundo adolescente é uma revolução. Estou contando isso porque tem um pouco da trajetória pessoal no modo como leio minha trajetória acadêmica. Entendo muito como essa coisa em relação a gênero, a classe social, e a importância da descoberta da cidade e dessa mobilidade na cidade já marcava minhas experiências desde de muito cedo. Esses exemplos de certa maneira dão um pouco esse quadro a partir do qual a gente vai se entendendo enquanto gente e depois a gente vai se entendendo enquanto pesquisadora. A escola me permitiu uma escolha profissional anterior para a qual eu não tinha habilidade nenhuma e nem gostava. Por isso, quando prestei vestibular queria fazer algo que tivesse a ver com minha habilidade que era ler, que era escrever. Era isso que eu gostava. Queria pensar política, tinha vontade de engajamento político. Por causa disso escolhi o curso de história, com alguma resistência familiar, porque parte da minha família pensava que isso não dava futuro nenhum e eu estava desperdiçando minha formação. Eu realmente não fazia muita ideia do que acontecia no curso de ciências sociais e achava que o curso de história ia me possibilitar pelo menos ser professora de ensino médio. Minha mãe tinha sido professora de primeira a quarta série, de ensino fundamental, a vida toda. Tinha isso de fazer algo que você gosta, mas era um movimento de mobilidade social também, sem me distanciar muito de um universo que eu conhecia. Fiz história, fui uma boa aluna no curso de história, mas não fiz nenhuma iniciação científica, não conseguia me encontrar no curso, não conseguia ter questões para pesquisa. Eu tinha dificuldade em entender como se fazia pesquisa, via amigos fazendo, mas não conseguia me inserir. Mas o curso de história me trouxe algo muito interessante que foi uma experiência universitária muito intensa, uma aproximação com

o movimento estudantil muito intensa. Os debates do momento eram a questão da autogestão, da autonomia e do envolvimento dos partidos. Logo que entrei, consegui uma bolsa para ser secretária do Centro Acadêmico e passei a participar da vida política ali – e participei de assembleias em que se discutia inclusive a pertinência de o CA ter uma secretária, o que seguramente era um pouco desconfortável para mim que precisava daquele dinheiro para os gastos extras que queria ter. Foi um momento especial, porque nossa discussão era sobre o curso, sobre a universidade, um pouco num afastamento da ação dos partidos políticos nos movimentos estudantis, que muitas vezes tinham pautas próprias. Isso teve tudo a ver, por outro lado, com a minha participação numa geração no movimento social que ficou conhecido como movimento antiglobalização na época. Até aí minha vida era interessante, mais ou menos estava inserida num grupo de colegas, tinha um envolvimento político, um envolvimento muito forte com a universidade. Mas eu tinha dificuldade em entender onde eu me encaixava. Nesse momento eu encontrei um lugar político que me ajudou a entender isso. Esse lugar político tinha a ver com o que naquela época se chamava de Ação Global dos Povos: era uma rede de coletivos do mundo todo, muito inspirada nos zapatistas e coisas similares. No Brasil eram signatários MST, pequenos grupos ativistas que tinha ali em São Paulo. Depois também fiz parte de um coletivo que foi bem interessante na época e que se chamava Centro de Mídia Independente, em outros países conhecido como Indymedia. E esse movimento estava todo relacionado aos tratados internacionais de comércio: a gente tinha uma movimentação forte contra a ALCA no Brasil e era um movimento que se dizia “um movimento de movimentos”. A proposta era essa, de uma coalizão de movimentos. Foi nessa discussão que tomei contato de forma mais intensa com o feminismo. Estar no centro de mídia independente me possibilitava registrar a atuação dos movimentos sociais, que era um pouco do que a gente fazia. Era uma ideia de comunicação e produção da mídia de forma voluntária e muito ligada a movimentos sociais mais progressistas. Assim, comecei a ir a todos os atos do movimento LGBT e manifestações feministas, gravava entrevistas, publicava textos, entrava em contato com as pessoas. Eu não me via muito dentro do movimento LGBT e feminista mais institucionalizado naquela época até pelas diferenças em relação às iniciativas em que estava envolvida, mas queria estar perto. A gente era de uma geração que questionava fortemente as ONG, mas que queria dialogar com esses movimentos. Hoje não penso da mesma forma, mas isso tudo me jogou dentro de um campo de questões que eu achava importante discutir intelectualmente e teoricamente e que envolvia as questões relacionadas ao feminismo, às desigualdades de gênero, às questões relacionadas a sexualidade. Nessa época eu já

tinha um relacionamento com uma menina, que tinha encontrado nos meus primeiros trabalhos em arquivo histórico. Eram questões que me tocavam do ponto de vista pessoal, mas também me tocavam do ponto de vista político. E aí, por sorte, nesse grupo, do qual eu participava, participavam várias pessoas que hoje são doutores, são doutoras, éramos do mesmo grupo o Pablo Ortellado que dá aula hoje na EACH-USP, a Bruna Mantese, que acabou de defender seu doutorado trabalhando com violência na área de gênero, bem como outros com quem às vezes acabo cruzando pela universidade. Esse ambiente me ajudou a descobrir como conectar meus interesses políticos com a vontade de pensar sobre determinadas questões. E era uma época em que eu e alguns amigos do movimento estávamos tentando entender tudo sobre *queer*, que apontava para algo com que simpatizávamos do ponto de vista do ativismo. Isso para a gente vinha de uma referência muito mais dos movimentos de esquerda radicais nos Estados Unidos e Europa do que da universidade.

**E:** Qual o período dessas experiências?

**ILF:** Isso foi em 2001, 2002, 2003, por aí. E aí o que aconteceu foi que a Bruna Mantese, que fazia mestrado em antropologia na época contou: “olha, você está interessada nesse negócio de *queer*: no programa de disciplina com um prof. da USP parece que tem algo sobre *queer*”. Lá fui eu no departamento de Antropologia, atrás do professor Júlio Assis Simões. Me apresentei, disse que era aluna da história, estava terminando a graduação e estava interessada em teoria *queer*. Aí ele falou: “tem alguma discussão no final, é um curso de pós-graduação, a gente já andou duas três aulas, mas você pode vir”. Aí eu fui. E eu fui lá esperando que iria discutir alguma coisa que eu já conhecia sobre teoria *queer* a partir dos movimentos radicais de esquerda, mas foi muito melhor, porque tive mesmo uma primeira leitura do Foucault, tive primeiras leituras da Butler. O Júlio foi muito importante porque me acolheu totalmente, mesmo não sendo uma aluna das ciências sociais. Eu não era antropóloga, não conhecia muito do assunto, e ele me acolheu, mais no sentido de acolher as minhas preocupações também. Porque no final eu acabei me empolgando e me envolvendo muito nesse curso que ele ministrava, eu tinha essa pegada política muito forte e polemizava nas aulas. Acho que ele pensou que tinha uma energia ali (risos). E aí eu pensei, “eu quero fazer uma crítica ao movimento GLBT, na época chamava assim, e ver como ele estabelece identidades fixas e tal”. Aí o Júlio sugeriu que eu pensasse em algo sobre mercado. A princípio eu não queria, porque queria discutir política, tinha um envolvimento político. Então, pensei discutir a relação

entre mercado e movimento, fazer essa crítica política e compreender isso da perspectiva do movimento. Aí comecei a minha vida de antropóloga.

**E:** E essa decisão foi em qual ano?

**ILF:** 2004, seria meu mestrado. Foi uma felicidade, porque aí eu me encontrei mais uma vez num lugar que conseguia articular teoricamente e intelectualmente as questões que me afligiam politicamente. Era algo que se articulava à minha biografia e à bibliografia que eu estava lendo e era importante para mim também. Fazer o mestrado me possibilitou ter uma bolsa e ir morar numa república, o que me deu um pouco mais de autonomia em vários sentidos. Contudo, eu participava de um movimento que se dizia anticapitalista: “como é que eu vou trabalhar com o mercado e consumo?”. Cheguei preocupada com isso e o Júlio me acalmou, me sugeriu ler o Daniel Miller, o Sahlins, e entrar em campo. E eu me joguei em campo e, quando me joguei em campo, vi que as coisas eram mais complicadas, mais delicadas do que o meu anticapitalismo (risos). Isso tem a ver com como eu me percebo como antropóloga, com o lugar que a etnografia vai ocupando no meu trabalho, porque dou muito valor para a pesquisa de campo e para essa produção da narrativa etnográfica. Não sou uma pessoa dos grandes debates teóricos, embora até possa fazer também, mas o que me anima muito é a coisa da etnografia e como a etnografia vai tensionando a teoria e a teoria vai tensionando a etnografia. Sempre busco essa relação, que afinal é algo que caracteriza a própria antropologia. Sem querer limitar demais, apenas enfatizando que a antropologia confere um lugar especial para essa relação. Desde aquele momento, estive bem atenta a isso, a tentar olhar para mercado e para consumo sem aquele ranço que eu tinha, uma perspectiva muito valorativa dessas relações, muito moralista também. A antropologia do consumo me permitiu entender que a gente exerce nossas relações num mundo que é também material, não tem nada de intrinsecamente bom ou ruim no consumo, nas relações entre pessoas e coisas. E aí eu fui desenvolver a pesquisa, fiz pesquisa na Associação da Parada do Orgulho LGBT em São Paulo. É importante ter ideia do que era mercado de consumo voltado para gays e lésbicas na época. Tinha um pouco de turismo, tinha um pouco de mídia, mas o forte mesmo eram as boates e os bares. Uma expressão mais territorializada desse mercado. Então, pensei que para entender as relações entre mercado e movimento, eu tinha que localizar onde se dava essas relações e por isso a abordagem em relação à cidade ao espaço para pensar como se organizavam territorialmente os lugares relacionados à homossexualidade na cidade. Queria entender

como funcionavam ali classe social, gênero e raça, geração, mesmo sexualidade, como aquilo tudo estava ali estabelecendo conexões e relações e organizava o mercado em relação aos espaços da cidade, empurrando para os espaços menos valorizados as pessoas mais velhas, mais negras, mais pobres, mais gordas. Para pensar as relações entre movimento e mercado eu tinha que pensar o que ligava movimento e mercado e estabeleci como fio condutor o modo como se produziam identidades e categorias tanto pelo movimento, quanto pelo mercado. Também procurei pensar as relações de conflito e colaboração que se estabeleciam ali, os limites entre militantes e empresários. Eu ia falar com os empresários e eles falavam: “eu sou empresário e empresário gay. No que eu faço tem muito de militância, porque nenhum outro vai abrir um negócio gay como eu faço - e eu faço isso porque eu sou gay”. E ao mesmo tempo o pessoal que organizava a parada se colocava numa situação que é muito próxima do que um empresário produtor de eventos faria, porque tinha um *check list* de ações para cumprir, tinha negociação com bombeiro, com Eletropaulo, com a prefeitura, com outros empresários, quer dizer, tinha uma articulação ampla ali. E esse foi mais ou menos o resultado da dissertação de mestrado. Algumas coisas importantes que eu não falei: nessa época não tinha quase ninguém trabalhando com esse tema. Na USP tinha um doutorando, o Ronaldo Trindade, que era a única pessoa que estava trabalhando com gênero e sexualidade. Hoje vocês têm um grupo de pessoas na pós-graduação trabalhando com isso e naquela época realmente não tinha. Na UNICAMP tinha a Regina Facchini que estava entrando no doutorado, tinha o Gustavo Gomes que estava na Ciência Política. Lembro de voltarmos da Unicamp em discussões acaloradas. Regina já tinha uma dissertação importante e na época se envolvia na organização da Associação da Parada também. Tinha bastante gente trabalhando com gênero, mas nessa perspectiva da diversidade sexual e de gênero, ali na USP, UNICAMP, onde eu circulava mais, não tinha tanto. Era um contexto muito mais reduzido e quem estudava temas mais próximos nesse campo acabava dialogando muito. Até para incentivar a pesquisa na área, o CLAM nessa época lançou um concurso de projetos de dissertação e de teses na área de ciências sociais sobre gênero e sexualidade. Eu ganhei um desses prêmios com meu projeto. Também houve um fortalecimento desse campo na USP, o Júlio estava lá, a Heloisa Buarque, a Laura Moutinho. A UNICAMP já era mais fortalecida nessa discussão, mas foi também se expandindo. O GT de Gênero e Sexualidade na ANPOCS começou nessa época, outras iniciativas também.

**E:** Quais eram os espaços acadêmicos que você participava neste período?

**ILF:** Olha, a gente ia para o Fazendo Gênero, a gente ia para a ANPOCS, para esse GT, não lembro bem se era nessa época, mas pelo menos já em 2007, 2006, para o GT do Fabiano Gontijo com a Laura Moutinho na RBA. Eram os lugares para onde a gente ia, por onde a gente circulava. A gente não tinha o que vocês fazem hoje que é propor GT, discussões, propor número de revistas. A gente trabalhava muito próximo dos professores que eram nossos orientadores e um pouco até parceiros também. No entanto, havia também muita troca, muito diálogo. É um pouco diferente, o que tem a ver com uma coisa importante, que a Regina Facchini tem estudado. Tem algo em relação às universidades também, das vagas para professores nos últimos 10 anos, que reposicionam muito o campo de estudos de gênero e sexualidade. Ele cresceu exponencialmente nos últimos dez anos e não só cresceu como se alastrou para muitos outros lugares do país. Deixa de ser concentrado em algumas capitais do Sul/Sudeste e do Norte/Nordeste e passa a crescer muito, os núcleos passam a surgir também, passam a se multiplicar, o Ser-Tão mesmo, por exemplo, da UFG, que passa a surgir nesse processo e se desenrola e ganha corpo. E o campo vai ganhando fôlego em outros estados também. Quando eu comecei era bem diferente e tinha um isolamento muito maior, a gente não tinha mesmo essa mobilidade que vocês têm hoje. De ir para milhões de congressos, isso não era nem pensável na época. Agora a gente vai ter que pensar, nesse contexto de cortes de recursos, em como isso vai impactar essas movimentações todas, inclusive no caso das movimentações dos estudantes de Pós-graduação e pesquisadores que não estão institucionalizados ainda numa Universidade. Teve um contexto também da pós-graduação da universidade no Brasil que está para além do campo do gênero e sexualidade, mas que permitiu essa expansão e diversificação. Trata-se de um contexto que não existia nesse comecinho da minha carreira e que vocês já pegaram algo mais desenvolvido.

**E:** Por que não permaneceu na USP? E por que escolheu a UNICAMP para o doutorado?

**ILF:** Na época eu tinha um pouco da vontade de estar muito próxima da UNICAMP, de fazer esse diálogo. Eu já tinha um diálogo com a Bibia Gregori, com a Guita Debert, com alunos da UNICAMP. Já conhecia o trabalho da Adriana Piscitelli, de pessoas do Pagu. Tinha um pouco também da coisa de achar que na UNICAMP talvez eu tivesse mais companheiros para o debate, para fazer a discussão que eu queria fazer. Achei que



era uma oportunidade que não dava para abrir mão. Eu também não podia ficar um ano sem estudar, não tinha outra perspectiva de trabalho e não podia ficar um ano parada. Talvez pudesse, se ficasse iria arranjar outras possibilidades, mas naquele momento não me pareceu melhor opção. Também na UNICAMP o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do qual sou professora hoje, oferece um doutorado com essa abordagem interdisciplinar, além de uma área de gênero e sexualidade. Isso me possibilitava fazer disciplinas voltadas para o estudo de gênero e sexualidade, que na maior parte das vezes eram dadas por antropólogas. Era também uma discussão da antropologia, mas me possibilitava ter uma formação muito sólida em gênero e sexualidade. Eu tinha esse desejo, então fui para lá. Eu tinha uma ideia de comparar a parada de São Paulo com a parada de São Francisco, era meu primeiro projeto e já apontava uma coisa internacional, mas aí nesse meio tempo eu comecei a trabalhar muito com os resultados do mestrado. E pensava que eu tinha esgotado a discussão do mercado e do consumo, mas não tinha esgotado nada, porque o que eu tinha feito era um mapeamento um pouco impressionista dos lugares. Foi algo interessante o mestrado, a articulação teórica que fiz rendeu alguns frutos, mas o fato é que fui percebendo que tinha mais para fazer. Eu não tinha trabalhado com objetos, com as relações entre coisas e pessoas, que era uma discussão que me parecia central na antropologia do consumo. Não tinha trabalhado com produção de subjetividades, não tinha trabalhado com a perspectiva de produção do espaço, do lugar, articulando a subjetividade e articulando gênero, sexualidade e consumo. Quando comecei a buscar o trabalho com a coisa do mercado, o foco realmente era a parte das relações entre movimento e mercado, que é a segunda parte da minha dissertação de mestrado, que eu não divulguei muito bem e continua ali escondida. Aí organizei a questão da tese de doutorado em torno de como o consumo e o mercado produzem subjetividades, no caso relacionado a essa homossexualidade masculina. Isso tinha a ver também com o fato desse mercado voltado para homens em São Paulo já se apresentar de forma muito segmentada, que era bem o que eu queria compreender. Tinha uma multiplicação de categorias e de lugares diferentes. Me parecia que eu tinha ali um terreno fértil para explorar justamente aquilo que eu queria explorar, que era a constituição articulada de sujeitos, lugares, consumo e diferença. Saí da leitura de um mapeamento e passei para perspectiva de olhar a cidade a partir de seus lugares e de como se constituem mutuamente pessoas e lugares na cidade. E daí deixo um pouco da discussão da antropologia urbana estritamente e me volto para discussão da geografia feminista, por exemplo. Mas para isso eu tinha que ter aquele mapeamento do mestrado que era importante para eu me situar. É interessante dizer que

essa perspectiva de compreender lugares como constituídos por relações sociais confere às relações de poder um papel central. Isso é algo que está atravessando a minha tese o tempo inteiro. Nela, estou discutindo com uma perspectiva que pensa lugar e relações de poder, que pensa lugar como algo de fronteiras abertas e porosas, que não pensa lugar de maneira encapsulada. Organizei a pesquisa de campo a partir de três lugares com os quais eu trabalhei: uma boate que era vista como a mais elitista da cidade, com maior frequência de homens, brancos, musculosos, de classe alta - e que na verdade não era só isso, tinha uma pluralidade muito maior - mas foi ali que eu acessei também parte maior dos meus interlocutores de classe alta. Percorri um pouco também as festas dos ursos, para tentar contrapor dentro do mercado movimentos diferentes em relação a padrões corporais e de beleza, entender como as diferenças se organizavam aí em termos de mercado e disputavam espaços entre si. Os ursos me pareciam oferecer um contraponto interessante, ao mesmo tempo em que isso se produzia a partir de uma dada ideia de masculinidade e criava outros constrangimentos. E teve o último lugar no qual eu fiz pesquisa de campo, cujos frequentadores se aproximavam mais dessa figura da “bicha popular”, entre aspas, e era um lugar na qual a maior parte dos frequentadores era negros, eram pessoas que tinham um papel na escola de samba, que circulavam pelos lugares de música *black* na cidade... Aquele lugar me possibilitava muito fazer essa articulação com raça, possibilitava entender que os outros lugares também eram racializados, algo que eu tentei fazer ao máximo, mas que poderia ter feito ainda mais na tese em relação aos outros lugares. Mas isso são questões que têm a ver com os limites de realização de uma tese de doutorado, nem sempre é possível fazer a discussão do modo que a gente quer. Procurei dar conta dessa articulação das diferenças, com minhas possibilidades e limites. É curioso, porque quando as pessoas leem meu doutorado, comentam que a parte em que trato desse lugar de samba é onde ganha mais vigor a reflexão. E de fato as pessoas estão certas, foi mesmo onde eu tive maior inserção, isso aparece de forma mais vívida. E é o lugar que mais me instigou também em termos dos problemas que colocava, até porque me permitia pensar cidade em termos dessa relação entre periferia e centro, bairro e centro. Outro dia um rapaz do Maranhão me escreveu: “estou fazendo uma pesquisa aqui na periferia de São Luís, no Maranhão, e é exatamente muito parecido com o que você colocou na sua tese, quando você fala da periferia”. Aí eu penso: não trabalhei no território que se costuma dizer que é a periferia. Contudo, o que de fato acessei foi um território no centro da cidade que é de certa maneira periferizado, que tem a ver com a dimensão desses trânsitos entre bairros, para esses meninos que fazem esse trânsito o tempo inteiro. Tem um pouco ali uma possibilidade que permite

articular com esses estudos que falam sobre violência, sobre periferia, sobre territorialidades e sobre diversos tipos de gestão e controle de populações. Quer dizer, gênero e sexualidade não estão fora dessa discussão sobre cidade. Eu conto na minha tese, por exemplo, sobre um dos meus interlocutores, um rapaz negro, forte, com um jeito muito masculino, com roupa toda associada a estética *hip hop*, que namorava um rapaz branco, mas também com essa coisa da estética de *hip hop*. Um dia ele me contou que estavam ambos lá na área deles namorando dentro de um carro filmado, com película, na quebrada, e foram abordados pela polícia. Imediatamente isso os coloca como possíveis “ladrões”: dois caras nessa estética, num carro filmado, na quebrada, parados, aos olhos da polícia só podem estar querendo planejar algum tipo de assalto, de roubo. E chega a polícia e fala “o que vocês estão fazendo aí?”. E a saída deles é entre entrar nesse lugar da suspeita do “ladrão” que vai suscitar a violência da polícia e entre assumir que estão ali apenas namorando, o que também pode suscitar a violência da polícia. Foi o que aconteceu: apanharam da polícia, numa abordagem absolutamente racista e homofóbica, pois tendo negado o lugar de ladrão, afirmaram um outro lugar que também era motivo de violência por parte dos policiais, além de pouco inteligível naquele contexto. Se articula então para essas pessoas, nas vidas dessas pessoas e na violência que enfrentam, o que a literatura muitas vezes descreve como dinâmicas relacionando violência e territorialidades pensando muito em marcas de classe social, raça e geração. O que essa e outras histórias mostram é que gênero e sexualidade também estão atuando aí também. Essas coisas estão explícitas ali na tese, mas naquele momento me eram menos claras do que se apresentam hoje na minha atuação como docente, na discussão que a gente tem feito na Unicamp. É por isso que eu invisto também numa discussão da cidade e do urbano que pensa gênero e sexualidade compondo o feixe de relações sociais e relações de poder que organizam territorialidade e espacialidades. No meu trabalho isso já aparecia e outros pesquisadores hoje fazem isso também, muito melhor do que eu faria na época.

**E:** Qual é a principal marca do seu trabalho? E que correntes, disciplinas, autores/as e professores/as influenciaram sua formação e seus trabalhos?

**ILF:** Na verdade não sei se existe uma grande marca, mas tem muito do jeito como me entendo como pesquisadora. Eu sou muito inquieta e eu gosto muito disso. Também sempre acabo trabalhando com objetos que me permitem articular diferentes recortes ou contribuições teóricas. Por exemplo, no meu mestrado procurei trabalhar com a

relação entre movimento social e mercado de consumo e isso me possibilitou trabalhar com antropologia do consumo e com a literatura dos movimentos sociais e de gênero e sexualidade, articulando tais debates. Sempre me inclinei a articular também gênero e sexualidade com a questão do espaço, de diferentes maneiras, incluindo hoje as mobilidades. Agora tenho interesse especial nas discussões em diálogo com uma leitura pós-colonial e com feminismo. De toda maneira, minhas contribuições estão muito marcadas por essa teoria feminista pós-estruturalista, que permite pensar processos mais estruturais, em termos de desigualdades, mas que também permite olhar para manejos e articulações a partir dos contextos de constrangimentos e normas sociais. Isso também aparece na minha trajetória de modo relacionado a uma tradição na antropologia no Brasil que permite olhar para as diferenças como forma de discutir relações sociais mais amplas. A gente está falando aqui de interseccionalidades, de entrecruzamentos e de articulações no contexto de produção das diferenças, mas de certo modo Peter Fry já fazia isso, Mariza Correa já fazia, depois Néstor Perlongher, entre outros. Na minha trajetória tem uma marca forte da contribuição da UNICAMP. Isso marca muito a leitura que tenho da teoria feminista mais pós-estruturalista, que é totalmente recolocada a partir dessa discussão sobre produção da diferença no Brasil. Tem uma sensibilidade para pensar processos de produção da diferença que vem dessa antropologia no Brasil do final da década de 70 e do começo de 80, que se expressa de uma forma muito clara e da qual eu e outros da minha geração somos herdeiros. Então, as marcas da minha formação me acompanham, e vão se combinando com o desejo de tentar buscar novos enquadramentos, novos problemas de pesquisa. Agora mesmo estou num momento em que tenho me interessado pela temática do refúgio, da construção dessa categoria de refugiado em razão da orientação sexual e de identidade de gênero e aí de novo estou tentando novos enquadramentos, pensando na produção de direitos, na discussão sobre mobilidades, no debate sobre violência. Hoje considero que no meu pós-doutorado produzi alguns resultados interessantes, mas vejo mais como uma tentativa de buscar de novo possibilidades de enquadramento de questões como pesquisadora. Porque quando me aventuro na pesquisa do pós-doutorado, em que abordo trânsitos de homens gays brasileiros no Brasil e no exterior, o foco era discutir consumo, turismo e circulações transnacionais, ao mesmo tempo tentando entender como São Paulo e Barcelona faziam de certo modo parte de uma mesma rede de cidades no que concerne ao consumo relacionado à homossexualidade. Quando me lanço no campo, percebo que tenho que discutir não só consumo, mas trabalho. Ao mesmo tempo, não tinha como discutir mercado de lazer naquele contexto sem pensar em

mercado do sexo. E não dava para pensar turismo de brasileiros sem pensar imigração. Aí novamente me sinto na obrigação de articular novas questões, que vão envolver pensar a relação entre trabalho e consumo, entre turismo e imigração e que me trouxeram o desafio de compreender como nosso contexto nacional tão profundamente desigual se reposiciona em espaços que estão para além das fronteiras nacionais.

**E:** Depois de concluir o pós-doutorado, qual foi o próximo passo?

**ILF:** Aí eu me tornei professora, mas já estou no lucro (risos) para quem ... eu nem achei que fosse chegar até aqui. Se eu fizesse Graduação já era uma conquista. E aí, por caminhos tortos e não lineares, acabei me estabelecendo como professora onde fiz parte da minha formação, na UNICAMP. O que é que eu posso dizer para vocês... É difícil fazer uma análise, porque estou há um ano como docente na UNICAMP, não posso dizer que já formei alunos, por exemplo. Tenho alguns orientandos de mestrado, de doutorado, de iniciação científica, mas ainda me sinto muito tateando, muito começando também e de novo aprendendo muito. Quando você entra para um departamento, se afasta um pouco daquela posição mais confortável de discutir apenas os temas que você está acostumada a discutir, de se dedicar integralmente à pesquisa. Ser docente envolve participar de um coletivo, ter um pensamento institucional, manter um diálogo com os colegas, com o que eles fazem. Também envolve o acolhimento a estudantes, nesse papel de formadora, e uma maior flexibilidade no sentido de que eu não vou trabalhar apenas os temas que eu trabalhava mais detidamente. Em relação aos meus alunos, tem também uma alegria muito grande em vê-los progredindo, em se realizar nas pesquisas deles, de pensar: 'puxa queria ter feito isso e que bom que eles estão fazendo'. E tem esse estranhamento de começar a me ver como referência para uma geração que é a de vocês. Nem sei se dá para falar que é uma geração ou outra, o quanto poderíamos falar que somos de gerações diferentes. Quando vocês vieram me procurar para a entrevista, lembro que falei: "mas por que eu, gente, tem pessoas que têm uma trajetória muito mais consolidada (risos)" e aí vocês responderam que queriam fazer essa discussão com alguém que não tivesse essa trajetória mais consolidada no tempo. Estou de novo tentando perceber onde me encaixo no diálogo com meus colegas que são absolutamente influentes na minha trajetória e que foram meus orientadores, debatedores, estiveram nas minhas defesas e que admiro profundamente. E qual a contribuição que vamos dar, eu, Regina Facchini, Maria Elvira Díaz-Benítez, Camilo

Braz, Anna Paula Vencato, Carolina Branco Ferreira, entre tantos outros, mas só para mencionar algumas pessoas com quem tive um convívio muito próximo durante o doutorado e pós-doutorado. Nem faz sentido mencionar, porque há outras pessoas também, é só um pouco para situar. O que eu posso dizer é que, junto com outros colegas que estão se institucionalizando comigo nos últimos anos, somos, talvez, essa geração que entra já na pós-graduação trabalhando com sexualidade, na perspectiva da diversidade sexual. Quem chamou a atenção para isso foi a Regina Facchini, que trabalha mais diretamente com a produção desse campo de estudos. A gente começa a se formar como pesquisadores e pesquisadoras investindo fortemente nesse campo e trabalhando junto, com a possibilidade de trilhar uma variedade de interlocuções num campo em expansão. Penso que isso é uma perspectiva interessante e aponta também para os caminhos que vocês estão traçando agora. A vida na universidade é um pouco essas relações que a gente cria, que a gente tem. A relação de formação, de orientação, a própria convivência. Não é exatamente um conteúdo que se passa, mas é a relação e o debate que você estabelece com os alunos que nutre, que incentiva... Um outro desafio é lidar também com as questões que tem a ver com o fato de que minha atividade principal hoje não é ser pesquisadora, ela é uma das atividades que amo profundamente, mas não é o centro das minhas atividades. Por outro lado, as outras atividades que desempenhamos te jogam numa série de debates, de diálogos e de possibilidades que são todos muito instigantes.

**E:** E o que você percebe de positivo nessa nova geração de pesquisador\_s?

**ILF:** O que eu vejo como muito positivo, que acho que vocês estão fazendo, é se abrir cada vez mais para o diálogo com outros campos de estudos. Vocês todos estão fazendo um diálogo forte com antropologia urbana na discussão sobre cidade e sociabilidade; tem todo um pessoal que está trabalhando muito bem com gênero, sexualidade e prisão já há algum tempo, como Natália Padovani, a Natália Lago, a Natália Negretti. Só para mencionar alguns temas que estão mais próximos de mim e que acompanho com muito interesse, mas há muitos outros diálogos. Tem uma discussão sobre direitos, sujeitos e política que já havia antes e que segue fortíssima na área, por exemplo. É impossível mencionar todos os diálogos. Não se pode deixar de citar a importância toda do CLAM e do PAGU na dinamização dos debates, bem como dos núcleos em universidades não só do sul e sudeste, mas de outras regiões do Brasil. Vejo uma área muito vibrante do ponto de vista do diálogo entre diferentes campos. Por outro lado, claro que tem muito ainda

para avançar, especialmente no contexto que a gente vive. Há um momento político muito delicado e que nos envolve, necessariamente, porque gênero e sexualidade são acionados muito fortemente nas disputas políticas atualmente no Brasil. Isso interpela nosso campo de um jeito diferente do que interpelava há 10 anos, em que também essa discussão estava colocada, mas com outra amplitude. Em resumo, o que estou tentando formular é que a gente tem um campo mais consolidado, mas que também traz desafios e diálogos renovados. Aí é onde vocês estão posicionados agora, do modo como eu vejo, de uma forma um pouco diferente daquele momento quando eu entrei, mas ainda tendo muito trabalho pela frente.

**E:** Como você avalia a expansão dos estudos de gênero e sexualidade para além dos núcleos “centrais”?

**ILF:** Se pensar em mim, na Maria Elvira, que vocês também vão entrevistar, a gente viveu essa expansão no campo dos estudos de gênero e sexualidade para além de espaços mais centrais, mas é meio complicado falar de centro e periferia nesse contexto. Para além dessa polarização que talvez não explique muito, observamos que o campo dos estudos de gênero vai se expandindo de modo geral, se consolidando no Norte, no Nordeste, no Centro-Oeste, saindo um pouco do sul e sudeste. Vejo esse movimento como trazendo renovadas possibilidades de troca.

**E:** A partir da sua experiência, quais são os dilemas atuais dessa nova geração de pesquisador\_s?

**ILF:** A gente fez um percurso na entrevista em que acabei falando mais desses engajamentos subjetivos, acabei dando um peso para isso, mais de "olhar para trás" como você estavam falando, do que "olhar para o agora". Contudo, pensando no porque vocês estão fazendo essa entrevista, creio que é importante também fazer essa articulação entre nossas trajetórias pessoais e os temas com os quais a gente trabalha. Atualmente, tenho me deparado um pouco com o discurso que é do distanciamento: "essa é uma atividade profissional que eu faço como pesquisador e não tem a ver com minha vida, com a minha trajetória". Esse é um percurso pouco produtivo, levando mesmo em consideração a relação intersubjetiva que nós antropólogas temos com o campo e com interlocutoras e interlocutores. Há o momento do distanciamento, mas é claro que você aciona também uma biografia do pesquisador de uma maneira muito

forte. Tenho visto eventualmente, dentro desse campo mais consolidado, pesquisas que já partem dos debates que estão ali e que são realizadas por pessoas muito jovens, com um horizonte político muito curto também. São caminhos. Nesse contexto, tem também algo que é muito ruim do momento em que vocês estão vivendo enquanto pós-graduandos que é o da pressão por produzir e se destacar no campo, quando você tem um campo maior de pessoas trabalhando e a expansão das pós-graduação nas universidades. A pressão por publicar, a pressão por achar um lugar ao sol, a pressão por transitar em milhões de congressos, por fazer pesquisa no exterior. Se por um lado esse contexto pode resultar em experiências muito diferentes e muito ricas, por outro lado pode trazer o risco de uma menor densidade do ponto de vista de reflexão e de como se produz a pesquisa. Isso tem a ver com a profusão de *papers* às vezes não muito bem-acabados ou com alunos de pós-graduação de repente apresentando o mesmo trabalho em vários congressos. E investindo uma grande energia nisso ao invés de sentar e tentar perceber o que está produzindo, qual é a reflexão que está produzindo. Enfim, são dificuldades que estão colocadas no nosso contexto acadêmico hoje. Uma outra questão é que vocês estão muito inseridos no debate interno da pós-graduação e vão ter que trabalhar bastante em como continuar estabelecendo essas trocas e diálogos internos de vocês, mas também com os pesquisadores e professores que vem antes. Não pode ser um debate apenas interno de alunos de pós-graduação, porque senão vocês perdem essa experiência, que marca também a universidade como espaço de troca entre diferentes posições, entre diferentes trajetórias e experiências de pesquisa. Penso que vocês estão buscando essa troca e estão preocupados em fazer tudo que vocês têm que fazer, que vocês são premidos a fazer, mas, ao mesmo tempo, dar espaço para as pesquisas de vocês se consolidarem, se estabelecerem. Esse tempo de amadurecimento da pesquisa, de ler, de estudar, de olhar de novo para os dados da pesquisa. De onde vejo, penso que esses são os dilemas.

## Notas

1. O comitê editorial da Revista Equatorial agradece à entrevistada a autorização para publicar esta entrevista e ao/às entrevistador/as a realização da entrevista.